

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Portuguez

Editor:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARAES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 43—Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

GENTE DA RUA

Cresce, nesta terra, e avoluma e aumenta, uma camada nova, tenra, a camada vasta da rua, que vagueia ao abandono numa vida de libertinagem e vadice, e cresce abatida, lamurienta, perdidamente gasta, a entrar lento e lento no tumultuar vicioso duma sociedade corrompida e estropeada, onde as paixões aceleradas se chocam com os desejos uzis desbragados.

Sem educação, essas tenras crianças atiradas pelos paes, com indiferença absoluta, ao abandono da rua, num desleixo criminoso, p'ro amanho duns cobres, vêm necessariamente engrossar, mais tarde, a falange dos desgraçados que sucumbem miseravelmente de dôr e fome, e atear o vicio contagioso que perverte e alucina, tornando a sociedade cada vez mais miseravel, mais tumultuosa e gasta.

É ao abandono, sem protecção, sem que outro Cristo baixe ao mundo para chamar a si essas crianças num acarinhar fervoroso de bons conselhos e praticas regeneradoras, lá vão andada e crescendo até que o vicio as corrompa e a fome as perverta.

Não as instruem os paes, não as mandam á escola, e a educação é duvidosa, ministrada em arregaços inselctes de más palavras, em convérsas de pouca moral, em reprimendas de esmagamento violento, com pouco cuidado, com pouco recato, sem escrupulos, sem carinhos, sem amor.

É a ver-se calão a onda das desgraçadas crescer, e o fervilhar da vadiagem, dos gandulos, que atardeam os ouvidos numa guitarra de macacos à solta, de mistura com um escoltado vocabulário certante e vermelho de regateiras à bulha em sanha esgadelhada de rancor e ósca.

Se é má a educação, os fins não podem ser bons. Maus principios, fustosos fins.

Por essas ruas mais escuras de Guimarães, onde cheira ao mdo e ao bafio da percaria, e por onde nunca vassoura andou em limpeza passageira, e onde ao soalheiro o mulheiro cata o pulguedo no estendal esquisito da roupa suja, a discussão apurada de má lingua sobe numa aticar de comentarios ao rubro da afinção, e então é um descimento da cruz, santo Deus! um esfrangalhar de reputações, um cair de rosários de poucas vergonhas: cochichando escandalos, vozeirando palavrões, de comadre para comadre, de amiga para amiga, de janela para janela.

E lembram-se lá dos filhos que têm ao regaço, choramingosos ao catar, e nos outros que brinam perto, às pocinhas, ou em desfilles graves de precissão com estandarres e andores, ou ainda à tropinha, em desfilles de dois a dois, com armas de pau e espadilhas de arco de pipó.

Lembram-se lá!

E não têm recato, moderação na lingua depravada, e as palavras insultuosas crescem em caudal num baralhar de ofensas e maus agoiros.

E por ali perto, matando o tempo na preguiçosa indolencia de quem não tem nada que fazer, grupos de meninas espigadas e seios já aflantes, jogando as pedrinhas e a roda sempre andante, girastol de trapos esfarrapados e cabelos na confusão do desalinho! Vivendo assim num meio tão falto de educação, vão apanhando maus habitos e seguindo maus exemplos.

Docatis educação essa que lhes cocega os instintos e perverte os sentimentos.

Quando o entendimento se lhes abre, um repatório vasto e novo é já todo o saber duma tarimbagem gradual da má educação que lhes deram e da vadiagem a que se entregaram.

E trata fábrica por aí, com esbilibos alegres dos apitos chamando num ralar de vida para o trabalho libertador e honrado!

Tantas estradas arruinadas e camisões velhas na precissão de cascalho!

Tantas escolas primarias, e agora mais uma, a superior, que é uma beleza de hortalica, a chamarem para a consolação do estudo e regeneração dos maus habitos, gratuitas e acarinhadoras na protecção amiga dos professores!

Tantas igrejas, e tantos sinos badalando para praticas de doutrinas e comuhão de catequese!

Mas a rua é a escola, e amanhã, e bordel, a tasca, são as officinas.

E os vadies vão crescendo num coçar de arcaboiços podriquiteiros por essas esquinas lambuzadas onde os cães alçam as pernas, fazendo as vendedeiras de frutas, aos sabados, no magote da feira e barafunda da Maria de Fonte, de fel e vinagre, porque as furtam de fugida, com ansia soffrega, pendo-se no piro, às carreiras, aos encontros, como se mecha acesa levassem nos fundilhos, como cães de lata ao rabo, quando o clamar se levanta do pilha e agarra que lá vai ladão.

E o cortejo das desgraçadas aumenta tambem, em desfilar vergonhoso, de noite, que a policia não tope para o vilipendio de-

ma caderzeta de capas negras e folhas brancas para as notas do comportamento.

E elas lá vão, na timidez da sua tenra idade que estrebucha de receios, na innocencia duma vida não experimentada, tremendo de medo, por essas horas mortas de desponitar de desejos e do arrebatado de appetites, p'ro Xá-bai, ou p'ro Jardim das laranjeiras da tasca do babugal, onde espreitam com tristeza os olhos repolhudos das colves mimosas, ou ainda p'ra tantas ontras, encobertas e recatadas, com entrada independente e cama em cima, na saleta principal, arranjadinha e fresca que é mesmo uma riqueza.

Tenho pena das desgraçadas.

Sentem a dôr e arrastam a miséria no desleixo ingrato dum viver de repulsa, e atiradas p'ra essas ruas elas aí andam num depenar de podridões e immoralidades.

As desgraçadas merecem protecção e o carinho dum abrigo para o agasalho dos seus vicios e meralidade dos costumes.

Os pequeninos, causam-me pena, quando os vejo a pedir, a pedir chorosamente por essas ruas, abandonados, até que chegue o dia de fome, que é a maré do crime, a ocasião de roubo, a hora da perversão e do aniquilamento moral.

A. V. BRAGA.

GRÉVYS

Desde o advento da República o País vem sendo constantemente agitado por uma serie de convulsões que tem prejudicado largamente o desenvolvimento de uma acção progressiva que vincasse bem o fim para que fora instituido o regime republicano.

Os movimentos dos monarchicos irrequietos, que na sua louca valdade de pretender reconstruir o trono catocente e desmantelado que eles proprios deixaram de rrnir não tem feito outra coisa senão levar á esassocção a muitas lares, tem tido a secundar a sua obra nefasta as agitações operarias, constantemente traduzidas em grèves, a proposito de tudo e sob qualquer pretexto.

Temos pelos organismos operarios a maior consideração não deixamos de reconhecer que eles representam uma grande força do País e somos os primeiros a confessar que é um elemento digno de todo o apreço a quem devemos dar a nossa colaboração, nas suas justas reivindicações.

Isto porém não significa que possamos achar sistematicamente bom tudo quanto elles se lembram de fazer.

E é assim que não podemos ver sem o lamentar profundamente o constante surgir de grèves que quase diariamente tem prejudican-

do largamente a vida social e o progresso da República.

É certo que a República tem encontrado a dentro do elemento operario valiosissimos defensores e firmes apoios, mas tambem não é menos certo que dos proprios operarios vem salido ha uns tempos a esta data as maiores perturbações e embaraços á administração nacional.

As grèves são, indubitavelmente, um meio effiz de que o operario tem direito a lançar mão para fazer virar as suas reclamações e em toda a parte do mundo elas são geralmente atendidas quando traduzem reivindicações justas e não perturbam o bem comum.

Quando porém a grève é manejada como arma perturbadora ou que venha por qualquer meio prejudicar a marcha dos negocios de um País, não pôde ter mais que a desaprovção e a repulsa de toda a gente que obriga no seu ser o honor sacrosanto da Patria.

E se em muitos países as grèves tem acarretado grandes entraves a os governos forçosos é confessar que em Portugal, mais que em qualquer outra parte, ellas tem sido poderosamente nefastas.

Atravessamos um periodo gravissimo em que se impõe o sacrificio e a abnegação de todos, da de o maior ao mais pequeno. Todos nós queremos que os governos desenvolvam largos programas de franca regeneração social, economica e internacional, que nos proporcionem o desejado bem estar e esquecemos que a par dos direitos que exigimos temos imperiosos deveres que nos recusamos a cumprir.

Para o engrandecimento de um País é absolutamente indispensavel a colaboração leal de toda a gente. E como a tem tido os governos da República?

Todos o sabem. O criminoso abandono e desinteresse por parte dos comodistas, a constante fomentação de desordens por parte dos inimigos do regime; o entrave quasi permanente das grèves, com todo o seu cortejo de fustas e consequencias por parte do elemento operario em que a República devia ter os seus mais devotados trabalhadores e denodados defensores; eis os tres grandes obstaculos que desde 5 de Outubro de 1910 se tem oposto a que Portugal enverede definitivamente pelo caminho de progresso a que tem jus.

Dentre os tres obstaculos o que tem sido sem duvida mais grave tem sido o das grèves.

Quando um País atravessa uma hora critica todo o movimento que venha prejudicar por qualquer meio a sua vida social, comercial, economica, progressiva ou internacional não pôde deixar de ser considerado um movimento criminoso. E bem para lamentar é que o nosso operario, de indole trabalhadora, na sua maioria com largo servico prestado á defesa da Republica se deixa lançar constantemente no caminho da grève, levado por agitadores de profissão que d'isso fazem modo de vida e não hesitam em levar muitas vezes o disasocço e até a miséria aos lares, unicamente para satisfazerem as suas perniciosas ambições.

Podem dizer-nos que as grèves que se vem desenvolvendo quase como os cogumelos no inverno

tem sempre um motivo justificado a melhoria da situação dos grévistas e o desvendar do caminho para o dominio da sua organização suprema.

Mas é preciso que se diga sem rodeios que a grève, nas atuais circunstancias não pôde satisfazer nem uma nem outra coisa. O operario tem inquestionavel direito a trabalhar por sua melhoria de situação e todos aqueles que sabem quanto vale o seu braço forte assim o compreendem e não se recusam a colaborar com ele. Mas é necessario que por sua vez o operario compreenda que todos tem iguais direitos e portanto não crie constantemente embaraços áqueles cuja colaboração exige. Não é com a grève que tudo arazza, que tudo prejudica; que a tudo faz retroceder e torna a vida cada vez mais difficil que se consegue uma melhoria de situação, mas sim pela abnegação ao trabalho, pelo desenvolvimento da produçãõ; pelo maior esforço colectivo.

E se a grève é apenas um meio perturbador que mais a mais avoluma as difficuldades da vida ás classes que nela se lançam muito menos pôde ser considerada como degrau para o estabelecimento do regime governamental, quer ele se chame socialismo, bolchevismo ou qualquer outro. Quanto maior for a grandeza da forma governativa mais ella carece de um levantado espirito de ordem; de inequalavel exemplo de trabalho; de uma capacidade e competencia administrativas, de bases seguras e essas so se adquirem com um longo prazo de aturados e constantes esforços pela diffusão de instrução, pela educação social; pelo engrandecimento de caracter e aperfeiçoamento individual e colectivo. A grève é que não pôde ser caminho para tão grande fim.

VARIA

A Escola Primaria Superior de Guimarães

A curiosidade levou nos ha dias ao edificio onde funciona esta importante escola. Já tinhamos ouvido que as suas condições de instalação eram pessimas, francamente, nunca pela nossa imaginação passou que ellas fossem tão horrosas.

Um velho edificio, de tectos ameaçando ruinas; os pavimentos carcomidos, deixando espreitar o que em baixo possa existir, uma velha sala com uma m'bilha que parece ter sido emprestada por alguma das escolas primarias de qualquer freguezia sertaneja, e que serve de unica repartição onde o mestre tem de difundir a sciencia, eis, em duas palavras, o que é a instalação da Escola Primaria Superior em Guimarães.

Não conhecemos actualmente escola nenhuma primaria que tenha um edificio em condições tão más como este.

O 5 de Outubro

E chama-se aquilo a sede da Escola Primária Superior, uma instituição que é quase um liceo pela profusão dos conhecimentos que tem de ser ministrados, pela importância que reveste na Instrução Pública do País, pelo número de professoras que a compõem; pelos oportunos fins a que se destina!

E o isto a coroa de gloria dos senhores dissidentes que ali encontraram um cómodo emprego.

E ha-de amanhã um ministro da Instrução Pública entrar naquelle pedreiro dizendo que vai visitar a Escola Primária Superior!

E ha ainda quem diga que ha escolas primarias officiaes mal instaladas!

Não acreditará nos que diga isso quem o compara qualquer delas com a da Escola M.ª sr. do concelho.

Tenham vergonha, senhores dissidentes! tenha vergonha a verossão e acabou de uma vez para sempre com essa comédia. Instale a escola em um edificio condigno que não envergonhe a cidade que nenhuma culpa tem nos seus caprichos nem pode estar a mercê das conveniências dos arranjistas e tubarões da dissidencia. E se não podem ou não querem fazê-lo, acabem com a instituição e não continuem a fludir nos chamando áquella outra Escola Primária Superior.

Um valente

O presidente da tripeça da dissidencia, dr. Moreira Sampaio, no dia em que, traiçoeiramente, mandou prender o regedor de Serzedo, seu antigo amigo e correligionario, amedrontou-se por tal forma, que, ao ir para a sua casa de Jagueiros, deixou de passar naquella freguesia, receando que o povo dali — e a consciencia, se a tivesse, lhe diria com que sobejá razão — lhe amolgasse as costelas.

Morreu por uns atalhos para fugir ao caminho costumado, e, tal era o susto, que se perdeu. Alguem depois o encontrou e, por caridade, o guio para casa. Mas, ao chegar lá, deu pe a falta da pistola; deixara-a cair das mãos tremantes quando, perdido no meio dos campos, desmorteado pelo pavor, via em todas as sombras regedores de Serzedo com enormes marmeleros a cair-lhe sobre o lombo.

No dia seguinte, generoso como nunca o fora antes do açúcar, deu 5 escudos de alvarias a quem lh'a levou!

E veja lá a coragem deste lumiar da dissidencia! Manda prender pelo A. L., seu colega da tripeça, um dos seus dedicados amigos, para fazer a vontade a um tal Montes de quem julga, assim, obter mais votos; finge interessar-se pela libertação do seu amigo e manda que o A. L. desapareça, para assim o ter mais umas horas preso, sob pretexto de que se não sabe do sr. administrador; e, por fim, depois de toda esta façanha, nem de pistola em punho, com bala no cano, se atreve a passar na freguesia de que se gaba de ser o único cacique!

A Associação Commercial não hasteou a sua bandeira no dia em que se comemorava o 10.º anniversario da Republica Portuguesa. Quando uma entidade como esta, que tem de estar em contacto permanente com os poderes do Estado, que representa uma classe essencialmente conservadora e pacifica que só deseja a ordem para poder viver e prosperar, deixa de se associar á comemoração duma data como a de 5 de Outubro, tal facto, por si só, constitue uma manifestação de provocante hostilidade, que não pode deixar de ser notada com o protesto de todos os que entenderem, e muito bem, que de nenhum modo uma associação de classe deve fazer politica, de mais a mais, monarchica, em qualquer occasião e muito menos na grave conjuntura em que o país se encontra.

A maioria da classe commercial desta concelho ha-de ter visto, como nós, com desgosto, que a sua associação tenha tomado tão irritante e comprometedora attitude.

E' certo que outras colectividades acompanharam a Associação Commercial na sua inconvenientissima forma de proceder, tais como a Associação do Empregados do Comercio, a dos Artistas e a Sociedade Martins Sarmiento. Mas destas, uma procura seguir servilmente a dos patrões e as duas restantes são retintamente monarchicas.

A própria Câmara também não iluminou, mas temos que atender á bambochata que por ali vai agora, e a que, na occasião, estava sendo presidida pelo sr. José Pinheiro, que é monarchico e não pode perceber que, por o ser, nem porisso deixa de, na qualidade de presidente do município, ter a obrigação de respeitar as instituições que, apesar de toda a sua raiva, são e continuarão a ser republicanas.

A attitude da Associação Commercial é grosseiramente incorrecta e, para honra de nós todos, não será perfilhada pela generalidade do commercio, independentemente do modo de vêr politico de qualquer dos seus membros.

O preço do pão

Nunca o pão esteve tão caro neste concelho, como agora. Mas nem porisso a dissidencia, que tudo manda nesta terra, dá um passo sequer para remediar tão grande mal. Os operários que assaltavam mercearias para as roubar no tempo em que tinham representação na Câmara e o pão estava por metade do preço, andam muito satisfeitos. Os desgraçados que não são desordeiros nem sabem pescar em aguas turvas, morrem de fome.

E a dissidencia, contentissima, de nada quer saber contanto

que lhe não falte o açúcar, visto a batata agora dar pouco.

Braga enche-se

Dizem os jornais que foi autorizada a abertura da Escola Normal de Braga, oferta que o sr. Joaquim de Oliveira fez áquella cidade, por se ter a junta geral do districto responsabilizado pelo pagamento de toda a despesa.

Isto quer dizer que com o auxilio do nosso dinheiro, que tanta falta nos faz para melhoramentos imprescindiveis de que o concelho carece, Braga vai satisfazer o luxuoso capricho de ter uma Escola Normal!

Mas os srs. dissidentes não tem uns representantes na Junta Geral? E que fizeram esses conspicuos cidadãos, que nem sabemos quem são, para evitar que o nosso dinheiro vá todo para beneficio de Braga?

O Açúcar

Em vão temos esperado que a dissidencia se venha defender das gravissimas accusações que o povo lhe faz relativamente ao cada vez mais embrulhado negocio do açúcar. Não ha forma de se lhe arrancar nma explicação, um simples protesto. De modo que, continua de pé tudo quanto aqui temos dito sobre o assunto.

Alguem nos tem preguntado que contas poderá dar a Câmara do açúcar branco que recebeu e que o publico nem sequer chegou a vêr. Ingenuidades, ja pouco desculpaveis da parte de quem, pela evidenciã dos factos, não pode deixar de reconhecer a ignominiosa desonra dum grupelho que se aviltou na maior das desvergonhas de todos os tempos.

Noticiario

Consercio

No dia 8 do corrente, na casa do Arco, desta cidade consorcio-se o nosso amigo sr. Dr. Jeronimo Martins da Rocha, advogado e notario publico, nesta comarca, com a sr.ª D. Ana Amalia Alvares Almada Azenha, filha dos falecidos Condes de Azenha. Serviram de padrinhos os nossos amigos sr. Armando da Costa Nogueira, illustrado escriptor direito, e Manuel Victorino da Silva Guimarães, proprietario; e, respectivamente, suas esposas, as sr.ªs D. Emilia Adelaide Malheiros Guimarães. Aos noivos apresentamos os nossos parabens.

Doente

Passa um pouco incomodado o nosso director sr. Joaquim d'Almeida Guimarães a quem desejamos prontas melhoras.

OBITUARIO

P.º MANUEL FERREIRA RAMOS
No dia 10 do corrente faleceu, na rua do Doutor Avulho Germano,

desta cidade, o nosso amigo sr. P.º Manuel Ferreira Ramos de 45 anos, pároco da freguesia de São Paio de Guimarães. Era um dos melhores párocos que temos conhecido. A todos servia e a todos servia e a todos comprimentava, sem distincção de classes ou ideias. Homens assim fazem falta as colectividades que representam. Actualmente era o regente do Orçeo Vimaranesense, pelo qual tinha grande dedicacão. Estimado pela sua delicadeza e conduta, a sua falta é muito sentida. A toda a familia enlutada, apresentamos a expressão sincera do nosso mais vivo pesar.

VELHARIAS

TABELA DOS PREÇOS DE ALGUNS GÊNEROS EM VÁRIAS ÉPOCAS

Continuado do número anterior

REGIMENTO DE OFICIO DE FERREIRO

Uma argola, para consueira, de porta grande	70 reis
E sendo com pião	80 "
E sendo portas ordinarias, sem pião	40 "
E sendo com pião	50 "
E sendo para janelas grandes	30 "
E com pião	40 "
Um machado franqueiro, bem calçado	240 "
Um machado grande, para cortar lenha	480 "
Uma machadinha de cozinha	150 "
Uma enxó, para carpinteiro, com o seu fuzil	180 "
Um trado meio carral	120 "
Um martelo para carpinteiro	300 "
Uma foice roçadora	240 "
Uma foice de mão	200 "
Um trado de veiar	180 "
De aguçar um picão	3 "
Enxadas, o arratel de ferro lavrado sem o aço	80 "
Um ferro de arado de mão	150 "
Um sacbo grande	100 "
Uma fouchinha	80 "
Uma certã, a 100 reis o arratel depois de lavrado	100 "
Uma repadrolra grande	50 "
Um cento de pregos calibras	300 "
Um podão bom	120 "
Por cada arratel de ferro de balança lavrado	70 "
Por um fuzil	40 "
Uma colher de gancho grande	50 "
E sendo mais pequena	40 "
Em cutelo para pescadores	240 "
Um cutelo para cozinha	150 "
Uma goiva para carpinteiro	100 "
Uma plaina, bem calçada de aço	80 "
Um juntouro de cubas grandes	180 "
Uma machada para carnicheiro	600 "
Um arratel de cadeias, depois de lavradas	70 "
Uma segura de tanociro grande	600 "
Ferros de fogo para quebrar pedros e grades de ferro para janelas, taboleiros e restas, alavancas novas, ferros de assentar, cunhas, picos e camarteis, o arratel lavrado	70 "

REGIMENTO PARA OS ESTALAJADEIROS

Serão os estalajadeiros obriga-

dos a ter as suas casas e aposentos varridos, com aquella limpeza e asseio que for possível.

Serão obrigados a ter camas limpas e suficientes e levarão de aluquer por cada noite, cada cama de dois colchões e dois lençoes lavrados, travesseiro e cobertores. 40 reis

E se for em aposento com chave, onde o passageiro tenha o seu fado seguro, lhe poderão levar mais 20 reis

Serão obrigados a ter toalhas de mesa, e guardanapos lavados, conforme as presções que se puzerem á mesa; do que poderá levar de cada toalha 10 reis e por cada guardanapo 13 reis

Serão obrigados a ter candeia; se for vela de 12 em arratel, lhe poderão levar de cada uma, em cada noite 10 reis

E se for candeia de azeite, lhe levarão 15 reis

Poderão levar por cada pão, tendo o peso, porque está posto, sendo de vintem, 24 reis e o de outro preço, a esse respeito 24 reis

Poderão levar por cada quardilho de vinho, que mandarem buscar ás vendas de seu trabalho, mais do que nelas valer 1 real

Poderão levar por cada arratel de carne cozida ou assada 40 reis

E querendo o passageiro uma tação de toucinho ou de presunto, lhe levarão conforme a posta que for.

Poderão levar por um arratel de carneiro assado ou cozido 45 reis

E querendo alguns passageiros, ensopados e outros guisados, lhe poderão levar o que for licito, conforme os guisados que for.

Poderão levar por uma galinha assada ou cozida, além do que ella lhe custar em pena, com especie e concerto della 40 reis

E se quizerem presunto com a galinha cozida, conforme a quantidade que quizerem.

Poderão levar por cada ovo 3 reis, e razão de sete ao vintem 3 reis

Poderão levar por uma posta de bacalhau de 4 ao arratel 20 reis

E levarão de mais o azeite e especies, se o quizerem ensopado.

Poderão levar por uma posta de pescada seca o mesmo na forma do bacalhau 20 reis

Poderão levar por cada arratel de peixe fresco com seu azeite 30 reis

Quem quizer fruta a pagar, conforme o preço della ou a quantidade.

E querendo o passageiro mostarda, para a vaca ou peixe, lhe poderão levar a 5 reis cada prato 5 reis.

Continua.

Extrahido do livro «Guimarães» do Padre Caldas.

Expediente

Prevenimos os nossos assinantes de que vamos proceder á cobrança, pelo correio, da importância da assinatura relativa ao semestre corrente, de que este número é o décimo oitavo. Atendendo á que é grande a despesa de cobrança e á que este jornal, feito sem qualquer intuito de lucro, representa um encargo para a sua empresa, esperamos dever a todos a grande fineza de pagarem os recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Prepianho

Precisam-se 50 braças com palmo e meio de bitola dentro de 30 dias.

Propostas para a Rua de Santo Antonio, 34.